

## O MÉTODO INDUTIVO E O MATERIAL DIDÁTICO VIRTUAL: UMA APROXIMAÇÃO E UM EXPERIMENTO

Carlos Alberto de Oliveira

Joel Abdala

*Universidade de Taubaté -UNITAU*

**Resumo:** A partir da problemática do ensino (ou não) da Gramática Normativa nas escolas, apresenta-se aqui uma discussão e experimentos para o ensino da vírgula, explorando as características intrínsecas do material didático virtual e do uso concomitante dos métodos indutivo e dedutivo de ensino.

**Palavras-Chave:** pontuação, vírgula, material didático virtual, método indutivo

## THE INDUCTIVE METHOD AND MATERIALS VIRTUAL TEACHING: AN APPROACH AND AN EXPERIMENT

**Abstract:** By considering the problem setting of teaching (or not) normative grammar at school this work presents experiments and discussion regarding the lecturing of the usage of commas. It explores the intrinsic characteristics usually found in the didactical material available on the Internet as well as the parallel use of the inductive and deductive teaching methods.

**Keywords:** Punctuation, comma, didactical material available on the Internet, inductive method

## EL MÉTODO INDUCTIVO Y MATERIALES DE ENSEÑANZA VIRTUAL: UN ENFOQUE Y UN EXPERIMENTO

**Resumen:** Desde el problema de la enseñanza (o no) de la Gramática Normativa en las escuelas, se presenta aquí un análisis y experimentos para la enseñanza de comas, con la

exploración de las características intrínsecas de lo material de aprendizaje virtual y el uso concomitante de los métodos inductivo y deductivo de la enseñanza.

**Palabras clave:** puntuación, coma, material de aprendizaje virtual, método inductivo

## 1. INTRODUÇÃO

Ultimamente o ensino da língua portuguesa está passando por estágio um tanto embaraçoso, Se, por um lado, há críticas sobre a Gramática Normativa (GN) no que concerne a problemas, no mínimo, de terminologia, por outro lado, negligenciou-se o ensino das normas da língua escrita, preconizadas por essa mesma Gramática Normativa.

Possenti (1996) fez uma crítica ao ensino da GN, no que se refere, ao que se depreende, ao método, à ênfase e à oportunidade. Em suas palavras, “É perfeitamente possível aprender uma língua sem conhecer os termos técnicos com os quais ela é analisada.” (POSSENTI, 1996, p. 54). Diz Possenti, explicitamente, que cabe à Escola ensinar a língua padrão e que “Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico.” (POSSENTI, 1996, p. 17). Logo, não se pode depreender que ele tenha sugerido abolir ou negligenciar o ensino da GN, o que, infelizmente, está acontecendo, principalmente na área, escopo deste trabalho, ou seja, o ensino da pontuação (mais especificamente, o ensino do uso da vírgula).

Indo ao encontro dessa ‘má interpretação’ do papel do ensino da GN, evidencia-se:

a) a realidade do atual processo de formação de professores que, além de não privilegiar o modelo ideológico de letramento, não é eficaz no modelo de letramento autônomo, concepções estas segundo Kleiman (1995). Como um exemplo rudimentar desse fato, ainda em Kleiman (1995, p. 19), tem-se o professor que corrige como rima inadequada ‘hotel’ e ‘chapéu’, por, imagina-se, desconhecer as características próprias das modalidades falada e escrita da língua;

b) a Escola, adotando e privilegiando o método dedutivo de ensino (como fosse o único), submetendo o aprendente das especificidades da língua escrita às vicissitudes de ‘estranhas’ terminologias adotadas como ‘regra geral’ [1].

Diante desse quadro, sugerimos e apresentamos uma abordagem que parte do saber do aprendente, em seu contato cotidiano com a língua em que fala e na qual escreve, para depois introduzi-lo no conhecimento das regras (e/ou das normas) que regem a língua escrita padrão, utilizando as propriedades da linguagem digital para tal fim.

Para a consecução do objetivo citado, baseamo-nos em Oliveira (1999), Oliveira e Rechdan (1999) e Oliveira e Gurpilhares (2009) – estudos sobre a pontuação - e em Oliveira (2009, 2010, 2011) e Oliveira e Gurpilhares (2009) - estudos sobre o uso da linguagem digital para a elaboração de material didático virtual. E, mais importante – dado que abordaremos, primordialmente, o método indutivo -, a experiência em aplicações dessa natureza no ensino da Língua Portuguesa, em salas de ensino presencial [2].

## **2. A APROXIMAÇÃO**

### *2.1. SOBRE O SABER E O CONHECER*

Como ponto de partida e base para nossa discussão e experimentos, temos que:

O saber é uma elaboração pessoal do sujeito. O conhecimento (é) apenas seu contexto inicial instituído a partir da informação. O conhecimento possibilita um tratamento do tipo: 'Eu sei que..', 'Eu não sei que'. O saber é da ordem de [...] algo a ser estabelecido e tecido pelo sujeito.... (MRECH, 1999, p. 83-84)

E em Mota, Prado e Pina (2008, p. 127)

Uma primeira referência foi em Fiorentini, Souza e Melo (1998). De acordo com os autores, embora não façam uma diferença rígida entre estes dois termos, estes compreendem que, o conhecimento corresponde a “uma produção científica sistematizada e acumulada historicamente com regras mais rigorosas de validação tradicionalmente aceitas pela academia” (p.312). Já o saber consiste numa forma de “conhecer/saber” mais dinâmica, menos sistematizada que incorporam de maneira mais evidente as práticas, as experiências e os fazeres produzidos pelo professores no ato do seu trabalho.

Posto isso, é lícito dizer que o aprendente da modalidade escrita de uma língua já ‘sabe’ as regras gerais que vigem para a execução da mesma, pois já usa há muito a modalidade oral para interagir socialmente em sua comunidade de fala. Porém, presume-se, ainda não domina a contento o ‘conhecimento’ para o uso padronizado da modalidade escrita.

Oliveira e Rechdan (1999) demonstram, a partir de análise de redações em vestibulares, que os autores de tais redações ‘erram’ porque sabem as regras, aplicando-as de modo inadequado, no que concerne às exigências da escrita padrão: uma simples troca ou deslocamento da vírgula, na maioria dos casos, resolve o problema do ‘erro’. Ademais, na versão ‘errada’, ou na, posteriormente, ‘corrigida’, o sentido do texto permanece. Para comprovação, vide o ANEXO.

Assim, a utilização do método indutivo de ensino (direcionando o ‘saber’ do aprendente sobre fatos particulares de sua língua para o ‘conhecer’ as regras gerais) mostra-se como uma alternativa de solução para a problemática.

## 2.2. SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM DIGITAL

O universo digital exige linguagem específica na interação com seus usuários. Essa (nova) linguagem, não criada para o ensino, é um amálgama de outras linguagens – cinemática, cromática, sonora, imagética, dentre outras – sem que, contudo, possa ser considerada apenas como uma soma das mesmas. Dentre as características próprias da linguagem digital destacam-se a hipermídia, o hipertexto e a multimodalidade.

Como adequação para o ensino, o hipertexto pode ser visto como uma nova forma de estruturação textual, um novo espaço de escrita, e que exige um ‘novo’ ver e fazer

[...] na construção do sentido, há um constante movimento em variadas direções, bem como o recurso ininterrupto a diversas fontes de informações textuais ou extratextuais. Verifica-se que a compreensão não se dá de maneira linear e sequencial, [...] o que vem a constituir um argumento a mais para afirmar que todo texto é um hipertexto. [...] O hipertexto é também uma forma de estruturação textual que faz do

leitor, simultaneamente, um co-autor do texto [...].(KOCH, 2003, p. 63; grifos nossos)

É um espaço aberto, sem margens e sem fronteiras. Esta caracterização é correta, mas prefiro pensar nesse novo espaço como um espaço cognitivo que exige a revisão de nossas estratégias de lidar com o texto. Sobretudo as estratégias que dizem respeito à continuidade textual. Pois o “novo espaço” não é mais linear nem se comporta numa direção definida. (MARCUSCHI, 2009)

A multimodalidade inerente aos gêneros facilitam a utilização natural das interfaces do hipertexto para sua realização. No dizer de Dionísio (2005),

Se as ações sociais são fenômenos multimodais, conseqüentemente, os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc. (DIONÍSIO, 2005, p. 161-162)

Diante disso, a linguagem digital em questão é propícia à ‘sedução’ e isso se comprova com o aumento em proporção geométrica de usuários da mais diversa ordem. Esse fenômeno ‘sedutor’, próprio de nossos dias, deixa o material didático impresso em imensa desvantagem diante do seu correlato digital (ou virtual).

### 2.3. O CONHECIMENTO NAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS (GN)

Sobre a oração e seus termos, no dizer de:

1) Rocha Lima (2008, p. 235-257) - a oração compõe-se de dois termos básicos: o sujeito e o predicado. Compõem ainda a oração os termos integrantes ou complementos, estes subordinados ao núcleo substantivo e ao núcleo verbal da oração. Por fim, os termos acessórios (adjuntos e aposto), cuja função é a de atribuir um dado novo à significação, de individualizar e/ou esclarecer, de exprimir particularidades.

2) Cunha e Cintra (2007, p. 137-163) - os termos essenciais da oração são sujeito e predicado. Há ainda os termos que integram o sentido das formas nominais e/ou verbais. Por fim, os termos acessórios, os quais são aqueles que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado, e, embora tragam um dado novo, não são eles indispensáveis.

3) Bechara (2005, p. 408-436) - o sujeito e verbo (predicado) são constituintes indispensáveis da oração. Para o que os gramáticos anteriores definiram com termos integrantes e acessórios, Bechara os redefine e particulariza como argumentáveis e não-argumentáveis e opcionais e não-opcionais..

Resumindo: fica explícito que, para as GN, a oração é composta de termos essenciais e de integrantes: os primeiros não podem ser suprimidos, enquanto os segundo, por se agregarem diretamente aos primeiros, não podem/devem ser supressos sem prejuízo do significado da oração. Logo, os termos acessórios podem ser suprimidos, pois, conforme todos os gramáticos citados anteriormente, apenas agregam algum ‘detalhe’ informativo à oração, detalhe este que, um truísmo, não é importante para o estabelecimento do sentido.

Agora, sobre a vírgula, Rocha Lima (2008, p. 459-463) mostra-a, preponderantemente, como um isolador ou separador de elementos, em posicionamento mais sintático que de outra qualquer ordem; Bechara (2005, p.609-610 ) também segue a mesma orientação; Cunha e Cintra (2007, p. 658-664) concordam e acrescentam um componente fonético: a pausa.

Resumindo: a vírgula é vista como um fenômeno eminentemente sintático, muito embora, ao ser ensinado, usem-se explicações que apelam para os aspectos fonético-fonológicos, semânticos e pragmáticos da língua em questão..

### 3. O EXPERIMENTO

#### 3.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Revista Virtual 'A vírgula e alguma astúcia' foi elaborada a partir de experiência em sala de aula (disciplina 'Língua Portuguesa'), no ensino fundamental e médio. São 'brincadeiras', que, explorando o método indutivo de ensino, foram realizadas em sala, onde foi possível observar e comprovar que os próprios alunos estabeleciam regras para efetivação do entendimento da estrutura da língua e para uso no momento de leitura e de produção de textos. Esse tipo de exercício lúdico colaborou, também, para que, no momento da produção de textos, fossem elaboradas frases completas e pudessem ser observadas as normas de concordância verbal e, com o tempo, fossem percebidas as 'nuances' da regência.

Assim, o experimento, ainda em fase de integração e testes, da Revista Virtual 'A vírgula e alguma astúcia', foi realizado, visando conciliar a inerente sedução da linguagem digital e o aspecto indutivo e dedutivo de ensino, pouco ou (quase) não praticado, em conjunto, em aulas presenciais. Em sua primeira fase, o experimento é um 'demonstrador', ou seja, apresenta, em estilo informal, fatos da linguagem escrita. Em sua segunda fase, enfatizam-se a experientiação e a experimentação dos aprendentes.

#### 3.2. O MATERIAL DIDÁTICO VIRTUAL: A PARTE DEMONSTRATIVA

Na sua primeira seção, denominada 'Gente, bicho, coisa', o objetivo é introduzir os termos essenciais da oração (sem ainda nomeá-los conforme a GN), com base na estrutura mais simples: a dos verbos transitivos. Tal seção inicial é necessária porque, para introduzir o uso da vírgula, precisa-se, primeiramente, conhecer a estrutura na qual ela poderá ser usada. Em seguida, o aprendente é conduzido à percepção da estrutura 'Gente, bicho, coisa' em foco: como captamos intuitivamente tal estrutura, e como, comumente, procedemos ao ler algum texto escrito. [Clique aqui](#) e [aqui](#) para visualizar exemplificação *online*.

O professor pode, na sala de aula presencial, discutir aspectos semântico-pragmáticos dos elementos componentes dessa estrutura, sem perder a visualização da taxa de cada um deles. [Clique aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#) para visualizar exemplificações *online*.

Visto isso, passa-se para a seção ‘Encaixou? Virgulou’. Nesta, são visualizadas as possibilidades do posicionamento sintático dos ‘encaixes’ na estrutura frasal. [Clique aqui](#) e [aqui](#) para visualizar exemplificação *online*.

No passo seguinte, são usados alguns exemplos, nos quais o posicionamento sintático dos elementos na estrutura vai determinar o uso da vírgula.

Ele disse **que**, conforme já havia previsto, o vendaval teria início durante a madrugada.

Ele disse, conforme já havia previsto, **que** o vendaval teria início durante a madrugada.

Ele disse, conforme já havia previsto, **que**, durante a madrugada, o vendaval teria início.

Percebe-se que as ‘demonstrações’, nesta fase da Revista Virtual, não suporta a interação com o aprendiz. Assim, exercícios interativos, nos quais o aprendiz será sujeito, estão em fase de testes informais e serão descritos a seguir. Por fim, você poderá ver a parte pronta da Revista Virtual ‘A vírgula e alguma astúcia’, [clique aqui](#).

### 3.3. O MATERIAL DIDÁTICO VIRTUAL: A EXPERIENCIAÇÃO E A EXPERIMENTAÇÃO

Esta segunda etapa do experimento, compreende exercícios do tipo ‘conserte e explique’ e do tipo ‘faça o seu arranjo’, ambos em desenvolvimento não implementados ainda como parte da Revista Virtual.



Do texto do ANEXO foram retirados cinco elementos do parágrafo 4º [3]. Esse texto (abaixo enumerado) é dado ao aprendente para que ele mesmo corrija a virgulação, segundo os critérios do ‘encaixou, virgoulou’.

1. Num país como nosso,
2. notamos a gravidade da educação e é,
3. por isso que temos que fazer por nós mesmo,
4. ir a fundo,
5. pois o presente nos revela que no futuro a tecnologia nos perseguirá e será tudo.

Nessa primeira parte do exercício ([clique aqui](#) para visualizar exemplificação *online*), os resultados esperados (e confirmados em experimentações informais, na graduação) foram alentadores, pois, salvo raríssimas exceções (omissão e/ou desinteresse do participante da pesquisa, principalmente), as vírgulas foram colocadas nos lugares adequados. Ou, até, retiradas, conservando-se o sentido. Veja a seguir:.

*“Em um país como o nosso, notamos a gravidade da educação e é, por isso, que temos que fazer por nós mesmo, ir a fundo, pois o presente nos revela que no futuro a tecnologia nos perseguirá e será tudo.” (grifo nosso) [4]*

*“Em um país como o nosso, notamos a gravidade da educação e é por isso, que temos que fazer por nós mesmo, ir a fundo, pois o presente nos revela que no futuro a tecnologia nos perseguirá e será tudo.” (grifo nosso)*

N segunda parte do exercício, o aprendente é convidado a ‘reduzir’ o texto ao mínimo que ainda faça sentido, e a explicar porque fez de um ou de outro jeito. Isto se dá para fixar o que se entende sobre as partes estruturais da oração, conforme as GN preconizam.

As respostas para isso resultaram em indagações que fogem ao escopo do que ora discutimos. Por exemplo, o adjunto adverbial (“1 - Em um país como o nosso”), um termo acessório, foi, na maioria das respostas, conservado pelos pesquisados, sob a alegação de (muito) importante (essencial) para a manutenção do sentido do texto. Por outro lado, a

oração intercalada (“4 – ir a fundo”) foi retirada por eles. Ora, Isso vai de encontro às classificações das GN para os termos da oração. Ou, no mínimo, causa-nos estranheza.

Do mesmo texto do ANEXO.(parágrafo 6º) foram retirados os quatro elementos seguintes, para que o aprendente ‘vivencie’ o uso das vírgulas e a do ponto final. [Clique aqui](#) para visualizar exemplificação *online*.

6. Graças a esta tecnologia,
7. a educação vem sendo melhor empregada,
8. a informatização nas escolas vem crescendo gradativamente,
9. hoje é comum as escolas terem no mínimo um computador.

Neste exercício, o aprendente entra em contato com os ‘desvios’ normativos (no que se refere à pontuação) cometidos, talvez, por ele mesmo.

Nos exercício do tipo ‘faça o seu arranjo’, o aprendente deve agora, dadas uma série de elementos, compor orações, explicando por que as ordenou daquela forma. [Clique aqui](#) para visualizar exemplificação *online*.

#### 4. CONCLUSÃO

Diante do discutido e apresentado, pode-se fazer uma projeção para o ensino:

1. das demais pontuações;
2. da regência e da concordância nominal e verbal (ainda dentro do aspecto sintático);
3. dos meandros da enunciação (aspecto semântico-pragmático);
4. das anáforas e catáforas (aspecto textual);
5. e, finalmente, do domínio discursivo (no qual se incluem os gêneros).

Incluimos para finalizar, a título de exemplo, um exercício (ainda insipiente) sobre dêiticos de lugar. [Clique aqui](#) e visualize.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007

DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKY, A. M. *et al.* **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. União de Vitória: Kayganguê, 2005. p. 159-175

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola, In: KLEIMAN, Angela B. (Org.) **.Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-64.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento da era da Informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. 1 ed., 5ª. Reimpressão. Rio de Janeiro: Ed 34, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem & Ensino**, Vol. 4, No. 1, 2001 (79-111). Disponível em: <[http://www.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/f\\_marcuschi.pdf](http://www.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/f_marcuschi.pdf)>. Acesso em: 30/9/2009

MRECH, L.M. **Psicanalise e Educação: novos operadores de Leituras**. Pioneira, São Paulo, 1999

OLIVEIRA, C. A. de *et al.* Algumas considerações sobre o paradoxo do observador e os ambientes virtuais de aprendizagem. **CAMINHOS EM LINGUÍSTICA APLICADA**, Volume 4, Número 1, 2011. p. 123-138. Disponível em: [www.unitau.br/caminhosla](http://www.unitau.br/caminhosla)

OLIVEIRA, C. A. de. Letramento digital de professores: o hipertexto como (nova) interface da escrita. **Anais do III Congresso Latino-Americano de Formação de Professores de Línguas (III CLAFPL) – 2010**

OLIVEIRA, C. A. de; GURPILHARES, M. S.S.. A referenciação, o hipertexto e a construção de sentidos. **Anais do III Congresso Latino-Americano de Formação de Professores de Línguas (III CLAFPL)** - 2010

OLIVEIRA, .C. A. de. Interfaces, hipertexto e gêneros: as novas dimensões de leitura. **CAMINHOS EM LINGUÍSTICA APLICADA**, Volume 1, Número 1, 2009.. p. 11-28. Disponível em: [www.unitau.br/caminhosla](http://www.unitau.br/caminhosla)

\_\_\_\_\_. O hipertexto e o material didático virtual. **Anais do III ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO** (Belo Horizonte, MG - 29 a 31 de outubro de 2009)

OLIVEIRA, C .A.. de; GURPILHARES, M. S. S. **Gramática, discurso e ensino**: alguns subsídios para a formação de professores. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2009

\_\_\_\_\_. O hipertexto e a referenciação. **LUSORAMA.**, Frankfurt am Main ,v.50-60, p.86 - 104, 2004

OLIVEIRA, C .A.. de; RECHDAN, M.M. O erro e o domínio de aplicação. **INTERCÂMBIO**, V..viii, São Paulo: PUCSP, 1999. p. 427-430

OLIVEIRA, C .A.. de. Ensino de pontuação: constatações, problemas e alternativas. **Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, 1999, Faro. XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Braga : Associação Portuguesa de Linguística, 1999. v. II. p. 99-104

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, Mercado de Letras, 1996,

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 47 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008

MOTA, Ednacelí Abreu Damasceno; PRADO, Guilherme do Val Toledo; PINA, Tamara Abrão. Buscando possíveis sentidos de saber e conhecimento na docência. **Cadernos de Educação**, Pelotas [30]: 109 - 134, janeiro/junho 2008.

***Carlos Alberto de Oliveira***

Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1976), mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (1983) e doutorado em Computação Aplicada pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (1990). Foi professor assistente doutor do Departamento de Ciências Sociais e Letras, e é atualmente membro do Corpo Docente do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté. Seu projeto de pesquisa é 'O material didático virtual'.

***Joel Abdala***

Graduado em Letras com habilitação em Inglês pela Faculdade Salesiana de Lorena, Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté. Professor de Língua Portuguesa Aplicada e de Português Instrumental na Universidade de Taubaté, lecionou também em cursos de Pós-graduação na área de Produção de textos.

## ANEXO

Extraído de OLIVEIRA e RECHDAN (1999, p. 428)

### “TEXTO 1

Com a construção de grandes indústrias em certas regiões, fazendo com que o meio-ambiente sofra as consequências devido a essas indústrias.

E cada vez mais, dentro desse lema estão empresários gananciosos por dinheiro, por poder. Sem se preocuparem com os males que suas indústrias fazem.

Os homens não cuidam da natureza. Sendo falta de educação deles.

Num país como nosso, notamos a gravidade da educação e é, por isso que temos que fazer por nós mesmo, ir a fundo, pois o presente nos revela que no futuro a tecnologia nos perseguirá e será tudo. Sendo a maior fonte de informações para todos nós.

Hoje em dias a informática tem um mercado de trabalho que pode ser considerado um dos melhores, pois com o avanço da tecnologia, o computador esta sendo usado em áreas diversas, como: hospitais, indústrias, emissoras de TV etc. Tendo assim uma grande procura destes serviços.

Graças a esta tecnologia, a educação vem sendo melhor empregada, a informatização nas escolas vem crescendo gradativamente, hoje é comum as escolas terem no mínimo um computador.

O mercado de trabalho na área de informática nos tempos de hoje com a tecnologia avançada. Como grande exemplo nos dias de hoje, o mercado de computadores vem expandindo cada vez mais como alta tecnologia avançada, o mundo roda, e o computador a cada dia vem fazendo parte da vida das pessoas como verdadeiro amigo.

São muitas as evidências que a cada ano que passa o Brasil aos poucos está mudando seus ensinamentos, em escolas do Governo, para melhor, devido ao avanço da tecnologia nos ensinamentos oferecidos e também nos elevados números de vocábulos ingleses, que ajuda bom para o futuro estudante de informática.

Ele colabora muito pouco com as empresas, para que estas se multipliquem gerem mais recursos e empregos para o país. Quando esse é que deveria dar toda sua colaboração.

Como as pesquisas estão evoluindo tanto, que cada dia descobriam algo mais importante do que antes, com a ajuda da informatização estão até chegando num local onde ninguém imaginaria a chegar com o universo, que cada vez mais descobrem um planeta.

Com a conscientização destas pessoas, que elas não podiam mais esperar uma atitude governamental é que surgiu o M.S.T. (movimento sem terra), como todo movimento este tem também os oportunistas e agitadores.

Através desse contínuo processo de conscientização faz com que o homem esteja sempre aprendendo com as novas situações, tendo outras opiniões.”

### NOTAS DE FIM

[1] Quem ou quantos de nós não se viu diante de ‘impasses’ como o da ‘oração sem sujeito’, logo após ter aprendido que os termos essenciais da oração são exatamente o sujeito e o predicado?

[2] Experiência esta do Prof. Joel Abdala, coautor deste trabalho, em sua vivência de docente no ensino fundamental e médio.

[3] Devidamente corrigidos apenas no que era extremamente necessário fazê-lo, mas conservando a pontuação original: “Em um país como o nosso, notamos a gravidade da educação e é, por isso que temos que fazer por nós mesmos, ir a fundo, pois o presente nos revela que nos futuro a tecnologia nos perseguirá e será tudo.”

[4] Novamente enfatizamos que o objetivo era somente a colocação de vírgulas para o estabelecimento de sentidos. Outros tipos de correção não foram levados em conta no exercício.